

Entrevista com Carlos Reis¹

Carlos Reis nasceu em Angra do Heroísmo. É professor catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra, onde tem lecionado Literatura Portuguesa, Teoria da Literatura, Estudos Queirosianos e Estudos Narrativos. Desde 2012 é coordenador do Centro de Literatura Portuguesa (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), onde dirige o projeto “Figuras da Ficção”.

Lecionou em diversas universidades estrangeiras: na Universidade de Salamanca, na Universidade de Wisconsin-Madison, na Universidade de Santiago de Compostela, na Universidade de Massachusetts-Dartmouth, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Dirige a edição crítica das obras de Eça de Queirós e a *História Crítica da Literatura Portuguesa*. É diretor da revista *Queirosiana* (Fundação Eça de Queirós). Publicou mais de uma dezena de livros, em Portugal e no estrangeiro (Espanha, Alemanha, França e Brasil).

Foi diretor da Biblioteca Nacional, Reitor da Universidade Aberta, presidente da Associação Internacional de Lusitanistas e da European Association of Distance Teaching Universities.

Vamos às perguntas e às respostas:

1. *Sua obra crítica sobre os séculos XIX e XX é citada por muitos estudiosos de Literatura Portuguesa em várias partes do mundo. Quais os seus interesses atuais de investigação? Eles se mantêm ligados ao mesmo período?*

De um modo geral, posso dizer que sim, ou seja, alguns dos grandes focos da minha investigação permanecem os mesmos, talvez com uma exceção. Ou seja: Eça de Queirós, o Realismo e o Naturalismo, José Saramago. Mas afastei-me do neorealismo, movimento sobre o qual fiz a minha tese de doutoramento em 1983. Foi um trabalho concebido e preparado num contexto académico e até político que mudou. Num outro plano, que é o da teoria, mantenho-me focado nos estudos narrativos, com as aberturas e também com as possibilidades de aprofundamento que a narratologia dos anos 80 permitiu. Mais

¹ Contatos: c.a.reis@mail.telepac.pt.

Blogs: www.queirosiana.wordpress.com; e www.figurasdaficcao.wordpress.com.

SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ

Número 29 (jan.-jun. 2015)

ISSN: 2316-8838

DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2015.16359>

concretamente, centro-me agora nos estudos de personagem, matéria que é o tema central de um projeto de investigação que coordeno no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra e que se intitula “Figuras da Ficção” (veja-se o *blog* <http://figurasdaficcao.wordpress.com/>). No domínio dos estudos queirosianos, gostaria de mencionar a edição crítica das obras de Eça, um projeto que coordeno há cerca de 20 anos e de que foram publicados até agora 15 volumes.

2. *Eduardo Lourenço, no ensaio “Dois Fins de Século”, identifica semelhanças entre o fim do século XIX e o fim do século XX. Quais as semelhanças principais que o senhor assinalaria entre esses dois finais de século? E a que causas o senhor atribuiria tais semelhanças?*

Há desde logo, em ambos os tempos, uma espécie de consciência aguda da noção de *fim*, isto é, de exaustão de um tempo, com todas as preocupações, angústias e mesmo traumas que isso arrasta. No caso de Portugal, o fim do século XX coincidiu, em parte, com outros “fins”. Por exemplo: com o fim do Império e também com o fim do isolamento de Portugal como nação periférica e quase marginal na Europa. Uma parte da obra ficcional de António Lobo Antunes e de Lídia Jorge representa de forma muito expressiva alguns destes sentidos.

3. *Há ainda muita polémica sobre as marcas do decadentismo na fase finissecular da obra de Eça de Queirós. Como poderia explicar essa fase? E como lê A Cidade e as Serras ou A Correspondência de Fradique Mendes?*

Hoje leio *A Cidade e as Serras* e *A Correspondência de Fradique Mendes* como dois dos textos mais complexos e estimulantes da ficção queirosiana. Trata-se de títulos em que aquela consciência de *fim* a que me referi também está presente – ainda que esse *fim* seja, neste caso, o do século XIX. Um exemplo: *A Cidade e as Serras* problematiza de forma muito inteligente e irónica o princípio do fim das ilusões da técnica e da ciência que o naturalismo cultivara (e, em parte, então ainda cultivava); e também o princípio do fim de alguns mitos culturais tocadas pela síndrome do excesso: veja-se, por exemplo, a forma como o livro, enquanto instrumento cultural, está presente n’*A Cidade e as Serras*. O caso de *Fradique Mendes* é diferente e, de certa forma, mais consequente. Um *Fradique* outro, relativamente ao Eça que com ele “dialoga” pela via da mistificação ficcional, não pode deixar de evocar o fim de uma

concepção do sujeito como entidade una e coesa. Ao dobrar da esquina estava a fragmentação heteronímica.

4. *Sabemos que Eça de Queirós estabeleceu diálogos em sua literatura com as artes de seu tempo. Quais as passagens específicas em que esse diálogo chama mais a atenção na obra do escritor oitocentista? Como definiria esse diálogo?*

A música e a pintura são talvez os casos mais evidentes. Foi pela via da pintura que Eça formulou a sua doutrina do realismo – ainda que, verdade seja dita, alguma dessa pintura (em particular, a de Courbet) tenha sido “vista”, em certo momento, através da leitura de Proudhon. A música, em particular a ópera, está presente nos textos de Eça desde muito cedo, designadamente nalguns dos folhetins que publicou na *Gazeta de Portugal* e que, mais tarde, resultaram no volume *Prosas Bárbaras*. De novo aqui, tratava-se, muitas vezes, de referências em segunda mão. Convém ter presente que, na época, não havia as reproduções nem os registos sonoros de que hoje dispomos. Mais tarde, durante o tempo em que viveu em Paris, Eça acompanhou de perto os movimentos artísticos que em França marcavam a agenda cultural europeia. Os Salons que Eça visitava e sobre os quais escreveu crónicas (designadamente para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro) permitiam-lhe estar atento ao que significou um movimento tão importante como o impressionismo. De certo modo, podemos dizer que a inteligência crítica de Eça de Queirós levou-o a refletir num quadro de análise intersemiótico e interartístico.

5. *O que mudou na identidade cultural portuguesa do fim do século XIX para o fim do século XX? Como resumiria comparativamente as duas configurações identitárias portuguesas?*

Já me referi a isso, mas acentuo agora. O fim do século XIX foi, em Portugal, um tempo de crise profunda e de decadência das instituições, em particular a monarquia e a democracia parlamentar. O fim do século XX foi um tempo, digamos, bipolar: a euforia da integração europeia conviveu, em muita gente, com um sentimento de perda e de fim de um tempo histórico que aquela integração procurou compensar. Mas ela trouxe consigo ilusões e mesmo mistificações que depois explodiram em desilusão e mesmo em ressentimento. O romance *A Jangada de Pedra*, de José Saramago, testemunha de forma muito exuberante alguns aspetos desse ressentimento.

6. *Quais as novas leituras que tem feito sobre a Literatura Portuguesa do século XIX-XX, a partir dessas recentes pesquisas que vem desenvolvendo sobre literatura e imagem?*

Procuro estar atento à produção literária do fim do século XX e do princípio deste século, mas (confesso) às vezes com alguma dificuldade em acompanhar autores que, a meu ver, escrevem com a preocupação de alimentar o mercado e a sua própria imagem, mais do que por terem coisas novas a dizer. Por outro lado e agora no campo dos estudos narrativos, interesse-me cada vez mais pelas relações entre a narrativa literária e as chamadas narrativas mediáticas que muitas vezes incorporam procedimentos narrativos que o romance oitocentista engendrou. De novo aqui a questão da personagem é central.

7. *Em relação ao mercado editorial e a edições/coleções críticas, o que podemos esperar para os próximos anos em termos de disponibilização ou reedições de textos literários dos séculos XIX e XX?*

No que me diz respeito, coordeno duas coleções de feição (e público) diferente. A Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós (Imprensa Nacional Casa da Moeda) continuará ainda por alguns anos (falta publicar uns cinco ou seis títulos) e em breve terá, muito provavelmente, uma versão em formato digital. Também na INCM dirijo uma Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa (quatro títulos já publicados), cujo propósito é de divulgação, em formato editorial acessível, dos textos mais importantes da nossa literatura.